Máquinas Miméticas de Paulo Nenflidio

As obras de Paulo Nenflidio com títulos que se referem a animais (aranha, grilo, cigarra, mosca, polvo, escorpião, baleia, caranguejo) invocam uma questão tradicional da filosofia da arte: a arte imita a natureza ou a natureza imita a arte? A primeira parte é senso comum: o artista olharia para um animal para desenhá-lo, olharia para uma paisagem para reproduzi-la em pintura; portanto a arte seria a reprodução mimética da natureza. Mas a relação entre arte e natureza é muito mais complexa. Depois de séculos vendo a representação do pôr do sol em pinturas, o que vemos quando estamos no mirante para observar o pôr do sol? Conseguimos realmente algum acesso direto ao pôr do sol, alguma ligação pura entre nossa capacidade perceptiva e a natureza ou apenas nos viramos bem construindo representações mentais que se interpõem entre a natureza e nosso olhar? Neste caso, essas representações mentais só podem existir graças ao nosso acervo cultural. É nesse sentido que a natureza imita a arte. O que chamamos de natureza está definido pelas representações imagéticas, sonoras e literárias feitas pelo ser humano ao longo dos séculos.

As máquinas miméticas de Paulo Nenflidio são sinceras representações da natureza ao manter aparentes os parafusos, os capacitores, os fios elétricos de seus insetos e moluscos. Um grilo feito com placas de circuito eletrônico como o *Grilo Solar* informa tanto a noção de natureza quanto o faz uma flor bidimensional em cores aquareladas. Ambos são representações que com o passar do tempo definem como vemos a natureza. Estar diante das máquinas de Nenflidio que juntam eletrônica, programação algorítmica e marcenaria é uma experiência de desilusão, de contato com a ideia seca de que o mundo é representação.

Também é senso comum que chamamos de natureza o mistério da criação, do engendrar o que não existia, de reproduzir um ser vivo em descendentes. É esse poder de criação que o filósofo Michel Ribon chama de natureza naturante, um poder de engendrar contínuo, no gerúndio, sempre transcorrendo, em oposição à natureza naturada, que é o produto final desse fazer. A capacidade de gerar grilos é o poder da natureza naturante. O grilo é um exemplo de natureza naturada, resultado pronto do processo. Assim, uma forma mais interessante de entender a familiar afirmação de que a arte imita a natureza é considerar que o artista imita natureza naturante, ou seja, o artista imita o poder de engendrar algo novo. Como a natureza, ele reproduz a partir do que já existia. Como a natureza, ele é inventor. O que ele inventa é o acervo de imagens, sons e palavras que nos permite perceber o mundo. Assim, para reproduzir a natureza em aquarelas, Paulo Nenflidio dispensa as flores e expõe as ferramentas do inventor, aquilo que o aproxima da natureza naturante. Em *Ferramentas para construir uma máquina do tempo*, vemos os alicates, estiletes, espátulas, pregos, chaves de grifo que criam as máquinas.

As esculturas sonoras de Nenflidio são máquinas do tempo porque materializam em música a noção de instantes consecutivos: uma nota, um instante. Em *Ensaio da Chuva*, a quantidade de água contida em provetas define sons de gotas produzidos por circuitos eletrônicos, um desaguar de tempo. A *Máquina do Trovão* usa uma chapa de cobre para gerar sons de ventania e de trovões, como se as inúmeras paisagens de tempestades pintadas ao longo da história ganhassem agora o estrondo que lhes faltava.

Na sala de exposição, o elemento lúdico das obras de Nenflidio é o primeiro atrativo. Passada a primeira surpresa, a brincadeira vai ficando mais reflexiva e a janelinha de relâmpagos faz a *Máquina do Trovão* parecer uma casa de bonecas assombrada. As crianças se juntam ao redor das cigarras que cantam em uníssono de tempos em tempos mas logo percebem que as ninfas eletrônicas cantam e silenciam quando a cigarra mestra decide; não estão ali para agradar ou divertir o público, nem para se parecer com cigarras e ninfas. Elas existem autonomamente, não como seres-vivos mas como seres-arte.

É nessa autonomia ontológica que as obras de Nenflidio podem ser compreendidas como uma consequência contemporânea do Construtivismo, não só pelo elo com a indústria, mas principalmente por mobilizarem a tecnologia para redefinir natureza, e portanto interferir no social. Não propõem caminhos utópicos mas, em assumida precariedade, celebram a persistência da invenção.

Paula Braga, 2025